

## Moisés e a verdade: retorno à questão da verdade histórica

### Moses and truth: return to the question of historical truth

Richard Couto<sup>1</sup>

Sonia Alberti<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo tratará de examinar a verdade em Freud. Nosso intuito é de demonstrar que se há um conceito de verdade na obra de Freud é circunscrito pelo conceito de verdade histórica, presente em seu livro *Moisés e o monoteísmo* (1939). Nossa hipótese é de que a verdade histórica está sempre vinculada ao sujeito do inconsciente e se distingue da verdade da história factual. O artigo trabalha também a seguinte formulação: se uma verdade é recalcada, esquecida na história e pela história, trata-se do assassinato do pai da horda e que se repete em Moisés.

**Palavras-chave:** verdade; verdade histórica; Moisés; sintoma.

#### Abstract

This article examines truth in Freud. Our intention is to demonstrate that if there is a concept of truth in Freud's work, then it is circumscribed by the concept of historical truth, present in his book *Moses and Monotheism* (1939). Our hypothesis is that the historical truth is always linked to the subject of the unconscious and is to be distinguished from the truth of factual history. The article also works the following formulation: repressed truth which was forgotten in history and by history, is the murder of the father of the primal horde, and that is repeated in Moses.

**Keywords:** truth; historic truth; Moses; symptom.

Temos como proposta deste artigo examinar o último trabalho de Freud em vida, aquele que ele fez questão de não deixar inacabado e que gerou, e ainda gera, uma série de debates e polêmicas – *Moisés e o monoteísmo* (1939). Em pesquisa por nós realizada sobre a verdade em Freud, chamou nossa atenção que é justamente nesse texto que a palavra verdade mais aparece, de toda a obra freudiana; é nele que encontramos uma maior incidência da palavra verdade, mesmo havendo diferentes nuances na sua utilização. Também como fruto da pesquisa aqui referida e bem mais ampla na obra de Freud, chegamos à hipótese de que: se há um conceito de verdade em Freud, tal conceito é melhor apreendido através do conceito de verdade histórica, cujas bases são dadas em *Moisés e o monoteísmo* (1939). No presente artigo não procuraremos verificar tal hipótese, que exige um estudo bem mais amplo, mas verificar o que é, finalmente, a verdade histórica em Freud a partir do texto em questão, de modo a que esse estudo nos instrumentalize para avançarmos na pesquisa na qual ele se inscreve.

---

<sup>1</sup>Psicanalista, Doutor em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Supervisor clínico-institucional do CAPS Sonho Real (Porto Real - RJ) e do Programa de Residências Terapêuticas (Rio de Janeiro - RJ); E-mail: richardmoz@gmail.com.

<sup>2</sup>Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Procientista da UERJ, Pesquisadora do CNPq, Psicanalista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. E-mail: sonialberti@gmail.com.

O texto de Freud não se presta a uma leitura única, muito menos julgamos que seja uma leitura de fácil apreensão, pelo contrário, *Moisés e o monoteísmo* está entre um dos textos mais complexos da obra freudiana e chamou muito a atenção de pesquisadores de campos diferentes da psicanálise, assim como *Totem e Tabu* (1913), *Futuro de uma ilusão* (1927) e *O Mal-estar na cultura* (1930). Se por um lado tal interesse de várias disciplinas mostra a grandeza do texto, por outro, gera uma impressão errônea, a saber, que se trataria de um escrito antropológico, histórico ou mesmo psicológico, como podemos ler nessa observação de Fuks, 2000:

O que, então, é *Moisés e o monoteísmo*? Em primeiro lugar, é um hipertexto, cuja escrita não se presta à captura: múltiplos sentidos – mas não arbitrários – borbulham em suas páginas. Como um enigma, ele se abre para vários níveis de entendimento. Diferentemente do que pensam alguns comentadores da obra de Freud que o entendem como um escrito antropológico, psicológico, sociológico, trata-se de um grande texto de psicanálise em que ele repensa toda sua “bruxa”, a metapsicologia. Valendo-se da metáfora bíblica, Freud lega às futuras gerações de analistas uma espécie de “testamento” do *corpus* da psicanálise (FUKS, 2000, p. 87).

Antes de tudo, *Moisés e o monoteísmo* (1939) é um escrito de psicanálise no qual vários conceitos são revisitados, trabalhados e a visada clínica de Freud está sempre presente. Por sua vez, tal densidade nos obriga a recortes, se quisermos mesmo utilizá-lo para verificar as diferentes nuances do uso da palavra verdade. O homem escolhido por Deus para libertar o povo judeu do cativeiro, tendo sido imbuído de conduzir o povo à terra prometida e tendo recebido de Deus as leis escritas será colocado em dúvida enquanto maior figura de um povo pelo questionamento de Freud, e é ao se dar conta disso, já no primeiro parágrafo, que Freud fala da verdade como o que não deve ser deixado para trás, somente porque ela poderia abalar a imagem desse grande homem. Freud, como judeu, sabe que Moisés é a personagem central na história de seu povo, porém Freud não recua diante da possibilidade de abalar a importância de Moisés e nos diz que não se pode elidir a verdade por razões de escrúpulos, ou seja, para desvelar a verdade não se deve ter escrúpulos: “nenhum escrúpulo, no entanto, poderá nos induzir a evitar a verdade em favor de pretensos interesses nacionais e, por outra parte, cabe esperar que o exame dos fatos desvendados de um problema redundará em benefício para sua compreensão” (FREUD, 1939/1981, p. 3241).

### **Moisés, um egípcio.**

O abalo que Freud causa ao entendimento que se tinha até então sobre Moisés é sobre sua origem. Para os judeus, Moisés sempre foi um judeu, sua origem é judaica e, além disso, a Moisés é atribuída a construção de uma identidade judaica; foi Moisés quem legou aos judeus a unidade enquanto povo, razão de a questão da verdade que Freud questiona no texto dizer respeito à questão da nacionalidade de Moisés. Freud (1990[1939]) anuncia que a busca da resposta se fará, nesta sequência de ensaios, através de uma aplicação da psicanálise, de uma aplicação da hipótese do inconsciente” (DARRIBA, 2010, p. 302), com o único intuito, a nosso ver, de deslocar a questão da verdade, agora não mais como uma questão de nacionalidade, mas como uma questão da verdade para a psicanálise. Eis o ganho de todo esse questionamento, também proposto no primeiro parágrafo.

A hipótese principal de Freud é que Moisés não é judeu e sim egípcio. Nisso, Freud não foi o primeiro, nem o único. Segundo Yerushalmi, historiador israelense radicado nos Estados Unidos e que realizou um dos estudos mais contundentes sobre *Moisés e o monoteísmo* (1939), *O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável* (1991/1992), tanto a ideia de Moisés ser um estrangeiro, quanto a ideia de que o monoteísmo tem origem egípcia, já são encontradas em muitos outros autores anteriores a Freud:

As especulações de Freud sobre as origens egípcias também não eram tão novas como poderiam parecer. Goethe já havia especulado que Moisés podia ter sido assassinado, embora ele tivesse em mente um assassínio político cometido por um impaciente Josué. Antes de Freud, James Breasted e outros egíptólogos sustentaram que o monoteísmo provinha do Egito. Ao contrário da impressão que Freud deixa no leitor, a ascendência egípcia de Moisés não é novidade. Tal hipótese já foi sugerida por pessoas tão diversas quanto o sociólogo Max Weber, o apóstolo antissemita de Bayreuth Houston Stewart Chamberlain e, de forma ficcional, por Joseph Popper-Linkeus, tão apreciado por Freud [...] (YERUSHALMI, 1991/1992, p. 26).

Yerushalmi, também aponta que a origem egípcia do nome Moisés já havia sido sustentada por outros autores, inclusive autores que Yerushalmi denomina como pagãos, além de indicar que nos séculos XVII e XVIII já se tinha conhecimento da dívida que a religião judaica contraiu para com o Egito. A origem egípcia do judaísmo foi muito utilizada pela crítica da história bíblica que tinha como principais representantes pensadores como John Marsham, John Spencer e John Toland:

Assim, embora Flávio Josefo no século I considerasse Moisés um hebreu, ele também rejeita a etimologia bíblica de seu nome em favor de uma egípcia. De fato, antigos escritores pagãos como Estrabão, Mâneton, Apiano e Celso afirmaram explicitamente que Moisés era egípcio. Saltando adiante, vemos que nos séculos XVII e XVIII o débito da religião hebraica para com o Egito era um tema importante na nascente crítica da história bíblica realizada por John Marsham, John Spencer e John Toland (Idem, p. 26).

Fuks comenta que a hipótese freudiana não se contrapõe às escrituras sagradas da tradição judaica, pois na própria tradição do povo judeu há referências a uma possível origem estrangeira de Moisés que vai de acordo com um dos traços mais marcantes do povo judeu, a saber, sua condição de estrangeiro que podemos encontrar nas páginas da bíblia. A autora chega a afirmar que a condição de estrangeiro faz parte do *ethos* do povo judeu:

Do ponto de vista do judaísmo, não se pode dizer que Freud vá contra o espírito do “Livro dos livros” e do Talmude: fazer de Moisés um estrangeiro está perfeitamente de acordo com a ética bíblica. A tese de Moisés, o egípcio, não é estranha ao próprio corpo doutrinário do judaísmo: no *Zohar*, um dos livros sagrados que nasceram da interpretação da Torá, Moisés aparece como um egípcio, um homem que fazia revelar o infinito pela escritura diferencial da palavra YHVH - “Moisés é meu servidor / Falo-lhe face a face, deliberadamente, e não por enigmas” (Números, 12:8) (FUKS, 2000, p. 88).

Freud sabia que na própria construção da história judaica, Moisés era posto como um estrangeiro e recorre a uma série de estudos acadêmicos para dar fundamentos a sua hipótese, além do estudo de alguns textos da bíblia, como o Êxodo. Dentre tais estudos citados por Freud, há o livro de J. H. Breasted cujo título é *History of Egypt* (1906). Esse é um dos livros que serviu a Freud para tentar demonstrar que a origem do nome Moisés é egípcia e não judaica. Para provar a sua afirmação, Freud desmembra a composição do nome Moisés que tem, de fato, um termo egípcio em sua formação; tal termo é “*Mose*” que significa filho ou criança, como fica claro no nome Amen-mose, ou seja, filho de Amen. Freud suspeita que o nome Moisés é o resultado de um esquecimento da parte paterna que completaria a composição com Mose (filho de), com Ptah ou Amon, e observa que o *s* é muito provavelmente de origem grega, ou seja, da tradução grega do Velho Testamento:

O pai de Moisés seguramente havia dado a seu filho um nome composto com Ptah ou Amon e no curso de sua vida diria que o patronímico divino caiu gradualmente no esquecimento, até que o menino foi chamado simplesmente *Mose*. (O *s* final de Moisés procede da tradução grega do Velho Testamento. Tampouco ela pertence à língua hebraica na qual o nome se escreve Mosheh) (FREUD, 1939/1981, p. 3242).

A suposição de Freud não é infundada, pois basta atentarmos para as traduções dos nomes de faraós para outras línguas, como o português, para verificarmos o mesmo término. Por exemplo, Ramsés cuja grafia original é *Ra-mose* (filho de Ra) ou Totmés que se escreve em egípcio *Thut-mose* (filho de Thut). Freud ainda nota como tal detalhe escapou a Breasted.

Aos poucos, ao tentar traçar a origem egípcia de Moisés, Freud vai introduzindo em seu texto a questão da verdade, não pela simples razão de fazer de suas colocações ou de sua principal hipótese uma verdade, mas para cercar a verdade que está em questão na origem de Moisés e do povo judeu, e que não é a verdade dos fatos tais que são relatados desde então. Ao contrário, a introdução da questão da verdade no texto, para muito além da face factual sobre a origem de Moisés, vem do entrelaçamento que há entre as lendas e os mitos que, estruturalmente têm por função construir um saber da origem, para o que se valem de todas as leis da linguagem e dos discursos.

Por exemplo, é sabido que para que ele escapasse de uma matança, os pais de Moisés o abandonam dentro de um cesto no rio Nilo e o cesto foi encontrado por uma rainha egípcia que criou Moisés como seu filho, fazendo com que se tornasse parte da nobreza egípcia. A lenda fala de um herói que funda um povo cujas origens são humildes, pois Moisés, na lenda, é filho de judeus levitas escravizados, passa a ser nobre e depois abre mão de sua nobreza para defender o seu povo de origem. A lenda talvez sirva apenas para escamotear a origem egípcia de Moisés, ocultação necessária para que o povo pudesse atribuir ao seu libertador da escravidão, a insígnia de herói. Na realidade, na própria tradição do povo judeu há elementos que põem em dúvida a descendência judaica de Moisés como é observado na piada do menino judeu que, ao ser indagado se sabia quem foi a mãe de Moisés, interpreta o mito de outro modo, como relata Freud com um dos inúmeros chistes sobre a questão:

Perguntaram ao menino Itzig na escola: “Quem foi Moisés?” ele responde: “Moisés era filho de uma princesa egípcia”. “Isto não é verdade”, diz o professor. “Moisés era filho de mãe hebreia. A princesa egípcia encontrou o recém-nascido em uma cesta”. Mas Itzig responde: “é o que ela diz” (FREUD, 1916/1981, p. 3244).

Yerushalmi ressalta a importância de tal piada, pois, para ele, a piada tem dois aspectos valorosos. O primeiro, é que Yerushalmi localiza na piada um conceito de Paul Ricoeur o de “hermenêutica da suspeita”, que Ricoeur extrai de seus estudos sobre Nietzsche, Marx e Freud, pois os três levaram a dúvida para dentro da fortaleza cartesiana da consciência. O segundo, é o que aponta o que Freud nos ensinou através de seu livro *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), a saber, que devemos levar a sério uma piada. Outro ponto destacado por Yerushalmi, é que Freud segue a questão que é considerada a mais importante sobre a história e a origem da religião judaica – quem foi Moisés?:

A piada nos chama a atenção por dois aspectos; em primeiro lugar, o precoce Itzig parece já mostrar talento para o que Paul Ricoeur, referindo-se ao próprio método de Freud, chamou elegantemente de “hermenêutica da suspeita”; e em segundo lugar, porque foi Freud, afinal, quem nos ensinou a levar a sério as piadas. Até onde esta é séria se tornará evidente se deslocarmos Itzig de sua *heder* (escola primária judaica) da Galícia para a Universidade de Berlim, de onde saiu solenemente em 1922 o seguinte: “*Die letzte und wichtigste Frage aller israelitisch-jüdischen Religionsforschung wird immer bleiben: Wer war Mose?*” (a questão final e mais importante para a toda pesquisa sobre a religião israelita-judaica será sempre esta: quem foi Moisés?). Trata-se do início de um livro de Ernest Sellin em que Freud confiaria muito [...] (YERUSHALMI, 1991/1992, p. 21-22).

Além da origem do nome, a lenda e a suspeita sobre a descendência de Moisés são o segundo argumento de Freud para considerar Moisés um egípcio e não um judeu. Freud faz a ressalva de que não é possível localizar na lenda um núcleo de verdade material, posto que todas

as lendas são dotadas de deformações, distorções, adições ao seu conteúdo, mas que há uma verdade histórica oculta:

As objeções que são contra, talvez nos digam que as condições de formação e transformação das lendas são, todavia, muito enigmáticas para justificar uma conclusão como a nossa; que as tradições referidas à figura heroica de Moisés são tão confusas, tão contraditórias e levam tantas marcas inconfundíveis de refundações duradouras e adições tendenciosas que devem condenar ao fracasso todo o esforço encaminhado a revelar o núcleo de verdade histórica oculta por trás delas (FREUD, 1939 [1981], p. 3246).

Outro dado que auxilia Freud a rastrear a história mosaica é o relato de que Moisés tinha algum problema na fala, ele não conseguia se expressar bem e precisava de auxílio, geralmente de Aarão, que no texto bíblico é seu irmão. Freud, no entanto, oferece uma outra leitura da dificuldade de expressão que Moisés possuía. Para Freud, tal dificuldade não era uma inibição ou mero problema na fala e sim *que Moisés falava uma língua estrangeira, porque era estrangeiro*, e precisava de um intérprete para poder se fazer entender pelos que não falavam sua língua:

Outro traço que lhe atribuem, merece nosso particular interesse. Moisés teria sido “torpe de língua”, isto é, teria padecido de uma inibição ou um defeito de linguagem, de modo que nas pretensas discussões com o faraó necessitou da ajuda de Aarão, que é considerado seu irmão. Também isso pode ser verdade histórica e contribuiria para dar vida ao retrato do grande homem. Mas é possível assim mesmo que tenha uma significação distinta e mais importante. Poderia ser que o texto bíblico aludira, em ligeira paráfrase, o fato de que Moisés era de língua estrangeira, que não podia se comunicar sem intérprete com seus neoegípcios semitas, pelo menos no começo de suas relações. Isso seria uma nova confirmação da tese de que Moisés era egípcio (Idem, p. 3258).

Assim como há evidências que indicam o fato de Moisés ser estrangeiro, há fatos que colocam em suspeita a origem judaica de Moisés, pois a tese mais comum é que Moisés era de origem levita, tese contestada por Freud. Para Freud, tal afirmação não só não tem fundamentos, como também seria até mesmo *uma desfiguração da verdade*, pois o que se deu realmente é que Moisés tinha um séquito composto de escribas e servos e era de maioria levita. Muito provavelmente tal séquito acompanhou Moisés na sua saída do Egito: “a afirmação tradicional de que Moisés era um levita parece uma desfiguração muito transparente da verdade: os levitas eram as pessoas de Moisés” (Idem, p. 3261). A verdade é que Moisés não era levita, contudo os levitas eram leais a Moisés e mesmo depois de sua morte, eles continuaram com o culto de suas doutrinas.

Dá a outra notória hipótese de Freud, segundo a qual a religião mosaica (transmitida por Moisés) não ser de todo original, de ela não ter sido criada a partir de nenhuma referência, de ela não ter sido fruto de uma criação *ex-nihilo*. Freud adere à hipótese que diz que a religião mosaica foi herdada de um primeiro culto egípcio que pregava a existência de um Deus único, um Deus universal. Moisés teria transmitido aos judeus o doutrinal de tal culto: “agora nos aventuramos a formular a seguinte conclusão: se Moisés era egípcio e se transmitiu aos judeus sua própria religião, então esta foi a de *Ikhnoton*, a religião de *Aton*” (Idem, p. 3253). A religião de Aton foi decretada como a religião oficial do Estado pelo faraó Amenhotep IV, ele mudaria seu nome para *Ikhnoton* mais tarde. Tal religião tinha o sol como símbolo que representava o poder desse deus universal. A imposição do monoteísmo de Amenhotep IV acarretou muita insatisfação não só dos sacerdotes, mas da população em geral e sua vigência durou apenas o reinado de *Ikhnoton*. Mas se Moisés foi um egípcio, soube transmitir de forma velada ao povo judeu a construção e, com isso, criar a identidade judaica, verdadeira e, no entanto, já nem tão original.

É essa questão da verdade o ponto de partida do que nos interessa aprofundar neste ensaio de um Freud que trabalha Moisés.

### Moisés e a verdade histórica.

Para entendermos o contexto do que é verdade histórica para Freud, é fundamental situarmos o ponto de que Freud parte para fazer a sua análise de Moisés em 1939: ele não pretende, como já dito, fazer um estudo antropológico, sociológico, nem mesmo religioso, o que Freud busca realizar aqui é estudar, a partir da psicanálise, a vida desse que chama de o Grande Homem. Como já observamos com Fuks, seu trabalho visa um testamento do que pode a psicanálise, e para muito além da clínica individual de cada análise pessoal. Exemplifiquemo-lo com um outro texto de Freud sobre a cultura, *O Futuro de uma ilusão* (1927).

De um lado, ao comentar nele a proibição do assassinato do pai, Freud observa que muitas leis, instituições e preceitos culturais não têm um fim meramente dominante e proibitivo sobre os homens, mas sim uma serventia de fazer com que os homens possam viver em grupos, ou seja, permitindo uma vida em grupo o que implica, necessariamente, que cada um não possa eliminar o outro quando lhe convier. Não fossem as leis, um homem poderia eliminar um outro pelas mais diversas razões: desde a cobiça de bens materiais até a vingança por alguma desonra, gerando assim uma série, pois sempre haveria alguém para vingar o morto. A proibição imposta pelas leis, instituições e preceitos visa, antes de tudo, defender a sociedade e não propriamente os homens que nela vivem. A origem da lei de proibição de matar o outro remonta ao totemismo, estrutura social erigida justamente para organizar um grupo. Como já se lê no texto em que Freud constrói o que Lacan chamaria anos depois de o mito “da psicanálise”, ou seja, *Totem e tabu* (Freud, 1912), a proibição de matar o totem se devia à necessidade de a tribo se manter como grupo em torno desse pai. De outro lado, em 1927 Freud reconhece que não basta essa explicação racional para que a proibição seja eficaz, há algo além disso, e isso que vai além disso é o que ele chama então de verdade histórica. A verdade histórica comporta o que vai mais além da explicação racional, no caso aqui mencionado, o totemismo:

Escolhemos como exemplo a origem da proibição de matar. Nossa descrição dela corresponde à verdade histórica? Receamos que não; parece que apresentamos apenas uma construção racionalista. Com o auxílio da psicanálise, estudamos precisamente essa parte da história da cultura humana, e apoiados nesse esforço precisamos dizer que, na realidade, as coisas foram diferentes. Mesmo para o homem atual, motivos puramente racionais contam muito pouco quando comparados a ímpetos passionais; o quanto impotentes eles devem ter sido naquele animal humano dos tempos primitivos! Talvez os seus descendentes ainda hoje se matassem uns aos outros desenfreadamente se, entre os assassinatos daquela época, não houvesse ocorrido um, o do pai primitivo, que tivesse provocado uma série e irresistível reação de sentimentos. É dela que provém o mandamento “Não matarás” (...) (FREUD, 1927/2010, p. 106-107).

A passagem se faz necessária por ela nos auxiliar a compreender como Freud entende a verdade histórica, mesmo se o sintagma viria a ganhar uma precisão muito maior apenas em 1939, momento no qual Freud tentou demonstrar que a verdade histórica é inconsciente e se localiza no assassinato do pai da horda primitiva. É o que Yerushalmi também observa:

Se *Moisés e o monoteísmo* ia assim além de *Totem e Tabu*, mergulhando no tempo histórico, também significava um recuo em relação ao *Futuro de uma ilusão*, ou pelo menos uma importante modificação. Embora, a religião não contenha uma “verdade material”, Freud estava agora arrebatado para reconhecer que continha “uma verdade histórica” – a lembrança, por mais distorcida que fosse, do pai primevo e de seu assassinato (YERUSHALMI, 1991/1992, p. 69).

O que *Moisés e monoteísmo* (1939) indica é que verdade histórica não é aquela que se sustenta tão somente nos fatos ocorridos, é preciso ainda estabelecer, minimamente, as causas

que deram origem aos fatos, do mesmo modo atentar para as consequências que o fato gera. Isso, como dito, implica retornar aos mitos, lendas, contos, para que desse modo a verdade histórica seja *constituída*: “[...] a verdade histórica – entendida como verdade que transcende a materialidade dos fatos – nos mitos, nas fábulas, nas ficções e na religião, para dar conta de uma ordem de pensamento que não é apenas da razão e da consciência” (FUKS, 2000, p. 55).

Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud analisa tanto a lenda mosaica, quanto os fatos históricos, a origem da religião, os textos sagrados, para assim rastrear a origem de Moisés, ou seja, pesquisar a causa que fez dos judeus um povo e as consequências de Moisés ter abdicado de seu povo, o egípcio, e de sua posição na sociedade egípcia, sua nobreza, para se contrapor ao reino do faraó, liderando os judeus na busca da terra prometida e fundando tanto a religião, quanto a identidade do povo judeu.



**Moisés de Michelangelo**

Freud diverge, então, da ciência da história que procura estabelecer os fatos e a verdade material para conceber uma verdade histórica a partir de lendas, mitos e, também fatos, mas todos eles presentes no discurso, na fala, que sempre, necessariamente, implica em uma verdade recalçada, como aliás é a própria construção do discurso na qual Lacan (1969-1970/1992) nos introduz a partir de seu *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*, onde o lugar da verdade é o do recalque. Diferente da verdade material, a verdade histórica não se debruça sobre o que é manifesto e literal, a verdade histórica contém algo de velado, oculto, é preciso que haja uma decifração, além disso, a verdade histórica sempre tem em seu escopo um retorno do passado. Daí a razão de Freud pesquisar as religiões, pois as afirmações religiosas podem ter afirmações materialmente falsas, mas, ao decifrá-las, podemos encontrar a verdade histórica. Como diz Bernstein (1998/2000, p. 87): podemos afirmar que a verdade histórica é a que “traz um retorno do passado”, razão pela qual a formulação de Freud do assassinato do pai primevo, confronta a “verdade histórica” com “verdade material”, apenas manifesta. Com o intuito de rastrear a origem de Moisés, Freud se volta para a leitura dos textos religiosos porque estes podem servir para circunscrever a verdade de Moisés, quando já não está em jogo a crença que se tem nos pressupostos religiosos, mas o que eles deixam entrever da verdade histórica justamente. Daí a importância das escrituras sagradas, diz Freud. A verdade religiosa é sustentada pela crença sem precisar de nenhum fundamento que a comprove:

Deve-se perceber a sua verdade interiormente, não é preciso compreendê-las. Só que esse credo é interessante apenas como autoconhecimento; como imperativo não possui qualquer obrigatoriedade. Sou obrigado a acreditar em qualquer absurdo? Em caso negativo, por que justamente nesse? Não há instância alguma acima da razão. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma vivência interior que a ateste, o que fazer com as muitas pessoas que não têm semelhante vivência rara? [...] Se alguém obteve a convicção inabalável na verdade real das doutrinas religiosas graças a um estado extático que o impressionou profundamente, que importa isso ao outro? (FREUD, 1927/2010, p. 79-80).

Donde, o deciframento das asserções religiosas, justamente por serem *religiosas*, implicam na falsidade material – porque são religiosas, visam sustentar a crença e ninguém está

preocupado em verificar se efetivamente correspondem a alguma coisa que teria ocorrido daquela maneira. São apenas afirmações, ditos do que ocorreu neste mundo e no que está além dele, mas nem por isso descartáveis para o pesquisador. Se ele souber levar em conta que são ditos, embora material ou literalmente falsos, então poderá procurar decifrá-los, desvelar o que velam, “descobrir o que está oculto nessas afirmações materialmente falsas, descobrir a semente de verdade que contém” (BERNSTEIN, idem). Só assim o que está oculto pode surgir como verdade. “*O que a psicanálise permite descobrir é essa verdade histórica e a profunda verdade psicológica que essas afirmações materialmente falsas deformam* (BERNSTEIN, idem, grifo nosso).

### **Moisés e a neurose.**

A verdade que importa aqui é a verdade subjetiva. Mesmo quando Freud está pesquisando sobre uma personagem histórica cujos dados são transmitidos por outros e não são colhidos junto ao divã, sempre o que se localiza em primeiro plano é a verdade de um sujeito. Ao rastrear as origens de Moisés, Freud lança um contraponto sobre o entendimento da verdade. Enquanto no campo científico há toda uma preocupação com a comprovação de uma verdade, da verdade ser provável ou não, Freud nos expõe que a verdade nem sempre pode ser provável, não há garantias definidas no estabelecimento da verdade, menos ainda quando se trata de uma verdade de um sujeito, como é o caso de Moisés: “nem a mais sedutora verossimilhança pode nos proteger contra o erro; ainda que todos os elementos de um problema pareçam se ordenar como as peças de um quebra-cabeça, temos de lembrar que o provável não é necessariamente certo, *nem a verdade sempre é provável*” (FREUD, 1939/1981, p. 3248, grifos nossos). A noção da verdade ser improvável, no sentido de não poder dar provas, está sempre presente na psicanálise, pois não há como garantir provas (como requer o campo científico) daquilo que um sujeito fala. Contudo, é uma fala que porta a verdade na medida em que é através dela que podemos remontar a história de um sujeito, e não é a história dos fatos materiais que interessa, mas a história que traz a vivência subjetiva que comporta o mito familiar e particular do sujeito. Freud aponta para tal nuance quando fala do temperamento de Moisés tal como é transmitido pelo texto bíblico:

Descreve-o como um homem irado e colérico, quando em sua fúria, mata o brutal egípcio que maltratava um trabalhador judeu; quando encolerizado pela apostasia do povo, faz em pedaços as tábuas da Lei que havia descido da divina montanha; por fim, Deus o castiga ao término de sua vida por um ato de impaciência, sem se registrar a natureza de tal ato. Dado que semelhantes qualidades não têm finalidade laudatória, bem que poderiam corresponder à verdade histórica (Idem, p. 3257).

Mesmo que tenhamos apenas o relato bíblico, não podemos descartar que tais descrições, que não têm comprovação factual, pesam no momento de traçar a história de Moisés.

Na parte do texto intitulada “Moisés, seu povo e a religião monoteísta”, na qual encontramos uma maior incidência dos conceitos psicanalíticos, temos uma aproximação entre a verdade histórica e a neurose. Freud volta a aproximar a religião da neurose, ou seja, os fenômenos religiosos têm proximidade com os sintomas neuróticos, mais especificamente com os sintomas da neurose obsessiva:

Jamais voltei a duvidar que os fenômenos religiosos somente podem ser compreendidos segundo o padrão dos sintomas neuróticos do indivíduo, que nos são familiares – como o retorno de acontecimentos importantes, há muito tempo esquecidos, na pré-história da família humana – e de que eles devem a esta origem, justamente, o seu caráter compulsivo, e de que, por conseguinte, exercem efeitos sobre os seres humanos por força da *verdade histórica* de seu conteúdo (Idem, p. 3274, grifo nosso).



O retorno dos acontecimentos em aposto na citação de Freud, é o retorno do recalcado a que se refere tantas vezes em seu texto sobre Moisés, retorno desse principal acontecimento da pré-história da família humana, ou seja, o assassinato do pai da horda primitiva, verdade histórica recalcada na origem da cultura. *É tal verdade que foi recalcada e que faz com que haja retorno, produzindo, assim, sintomas, produzindo assim o próprio sujeito em sua acepção pela psicanálise – o sintoma que, necessariamente, se articula com uma verdade, recalcada.*

Freud relaciona o judaísmo à neurose traumática, indicando que há um traço comum a ambas, a saber, um período de latência. Na neurose traumática, há um período que Freud chama de incubação, ou seja, entre o evento traumático e o aparecimento dos sintomas, tal como uma doença que fica incubada no organismo e depois sua sintomatologia se mostra com toda força. No caso da neurose traumática, há um evento que desencadeia o sintoma, mas nem sempre há uma relação direta entre o evento desencadeador e o evento traumático. Freud, com isso, aproxima novamente a religião da neurose, pois para Freud a religião monoteísta ficou incubada após a morte de Moisés:

Aprofundando o exame, deve nos chamar a atenção que, em que pese suas discrepâncias fundamentais, o problema da neurose traumática e o do monoteísmo judeu que têm um ponto de coincidência: seu traço comum que qualificamos de latência. Com efeito, segundo nossa fundada hipótese, a história da religião judaica apresenta, uma vez apostatada a religião mosaica, um prolongado período no qual não se teve o menor rastro da ideia monoteísta, do repúdio pelo cerimonial ou do predomínio ético (Idem, p. 3280).

O período de latência do judaísmo ocorre em razão da incidência do recalque, há um recalque que se opera em relação ao assassinato de Moisés pelo povo judeu – o povo judeu recalcou o assassinato de Moisés no deserto:

*Chegou um tempo em que o povo lamentou o assassinato de Moisés e procurou esquecê-lo. Sem dúvida ocorreu na época do encontro das duas partes do povo em Qadesh (Cades). Mas, quando o Êxodo e a fundação da religião no oásis [de Qadesh] foram aproximadas e Moisés foi representado como relacionado a esta última, em vez do outro homem [o sacerdote midianita], não apenas os clamores dos seguidores de Moisés foram satisfeitos, mas também se desmentia com êxito o penoso fato de seu assassinato violento (Idem, p. 3268, grifos nossos).*

### **O assassinato de Moisés: os debates que põem em relevo a particularidade do método psicanalítico.**

É de ressaltar que Freud fala que houve tanto a tentativa de esquecer, quanto um desmentido do assassinato de Moisés bem no momento em que a religião judaica se fundou. Na fundação da religião judaica há uma associação dos pressupostos religiosos de Moisés com alguns elementos de outro Moisés que falava ao povo de Midiã, pois para Freud haveria dois Moisés – um egípcio servo do Deus Aton, outro da terra de Midiã, servo do Deus Javé: “é-nos permitido, creio, separar um do outro os dois personagens e admitiremos que o Moisés egípcio nunca foi a Qadesh [Cades] e jamais ouviu pronunciar o nome de Javé, ao passo que o Moisés midianita nunca pisou o solo do Egito e ignorava totalmente Aton” (Idem, p. 3266). Lembremos que quem está em Qadesh [Cades] não é Moisés, mas seus seguidores, os que conheciam seus ensinamentos sobre um Deus único. A divisão que Freud estabelece é comentada por Didier-Weill como uma divisão entre superstição, magia (Javé) e uma religião universal, detentora de um certo racionalismo (Aton):

Os dois Moisés são assim radicalmente opostos pelo que opõe as divindades a que servem: Javé, demônio local, adaptado aos outros Baal, simbolizava o que, para Freud, era superstição arcaica, enquanto Aton, deus universal que não admitia nenhuma outra

divindade, representava para Freud essa vitória racionalista pela qual a noção do Um, estruturando o real, antecipava a ciência (DIDIER-WEILL, 1998/1999, p. 80).

Ainda seguindo os comentários de Didier-Weill, isso faz com que a tradição mosaica saia do recalçamento, retorne com força ao povo judeu graças aos profetas que estavam em Qadesh [Cades] e que iniciaram a pregação da velha tradição mosaica de um Deus único que não permite sacrifícios, nem a adoração de outros objetos ou deuses:

A saída do recalçado desse deus mosaico não deve, segundo Freud, ser creditada aos levitas [...]. É ao crédito dos profetas, que se levantaram mais tarde, pregando incansavelmente a velha tradição mosaica e afirmando que a divindade desprezava os sacrifícios e os rituais, que se deve lançar a ressurreição do ensinamento de Moisés (Idem, p. 81).

Retomando a questão da latência ocorrida no judaísmo, o que Freud lança é que a latência é explicada pelo tempo em que a tradição mosaica ficou esquecida e pela rejeição de uma suposta história oficial dos fatos bíblicos, mas que continuaram presentes na tradição do povo judeu, o assassinato de Moisés continua presente, apesar de esquecido, recalçado pelo povo. Freud aponta para o assassinato de Moisés mesmo sem levar em conta aquilo que pode ser tomado como uma crítica a Freud, a saber, as iniquidades do povo judeu:

O que escapou ao senhor foi o aspecto mais singular da tradição judaica a partir da Bíblia, a saber – sua recusa quase exasperadora de ocultar as iniquidades dos judeus. Sem dúvida os antigos israelitas esqueceram muito, e os cronistas e editores bíblicos ocultaram e distorceram muitas coisas. A questão vital ainda é se, caso Moisés tenha sido assassinado no deserto, isto teria sido esquecido ou ocultado (YERUSHALMI, 1991 [1992], p. 135, grifos do autor).

Yerushalmi, mesmo fazendo uma leitura e uma pesquisa rigorosas sobre a composição de *Moisés e o monoteísmo* (1939), cai na armadilha de fazer uma leitura de historiador, pois coloca a questão do assassinato de Moisés no campo da falta de registro histórico, da falta de arquivo, isto é, se o assassinato tivesse acontecido, haveria registro:

Assim, Yerushalmi, em sua obra *O Moisés de Freud. Judaísmo terminável e interminável* (Yerushalmi, 1991), se mantém ainda ligado ao modelo clássico do arquivo, principalmente ao contestar a tese central de Freud na sua obra sobre Moisés, qual seja, de que Moisés teria sido assassinado pelo povo judaico na travessia do deserto. Isso porque, segundo Yerushalmi, não existia qualquer documentação sobre esse conhecimento, de maneira que não haveria qualquer fato que pudesse verificar a formulação de Freud (BIRMAN, 2008, p. 122).

Aqui lançamos mão da crítica que Jacques Derrida fez aos argumentos de Yerushalmi em seu livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1995/2001). Derrida situa que a visada de Freud é outra. Para Derrida, Freud analisa como uma suposta ausência de memória, de lembrança ou de arquivo sobre o assassinato de Moisés, produziu sintomas, sinais, figuras, metáforas, metonímias, ou seja, toda uma gama de produtos que escapam ao historiador:

Ora, Yerushalmi sabe muito bem que a proposta de Freud é analisar, através da aparente ausência de memória e de arquivo, todos os tipos de sintomas, sinais, figuras, metáforas, metonímias que atestem, pelo menos virtualmente, uma documentação de arquivo onde o “historiador comum” não identifica nada (DERRIDA, 1995/2001, p. 84).

Por essa razão, o relato da morte de Moisés tem sua versão mais fidedigna nos relatos do povo e não na versão da história oficial. Em seu debate com Yerushalmi, Derrida levanta a

hipótese de que Freud teve a pretensão de afirmar que a morte de Moisés acabou por deixar arquivos, documentos, sintomas, tanto na memória judaica, quanto na memória da humanidade, mas tais impressões não podem ser lidas pelo historiador comum, somente por aquele que se utiliza do método psicanalítico:

Concordemos ou não com sua demonstração, o fato é que Freud pretendeu que o assassinato de Moisés tenha efetivamente deixado arquivos, documentos, sintomas, na memória judaica e mesmo na memória da humanidade. Ocorre simplesmente que os textos deste arquivo não são legíveis segundo normas da “história comum”, e aí reside todo o interesse da psicanálise, se ela tem algum (Idem, p. 84).

Derrida vai ainda mais longe em sua crítica a Yerushlami, pois Derrida usa os próprios argumentos de Yerushalmi para mostrar um erro de interpretação do historiador judaico. Para Derrida há uma evidência, um arquivo, de que o assassinato de Moisés possa ter ocorrido. Derrida usa, para fundamentar sua afirmação, uma passagem do livro do próprio Yerushalmi, quando este mostra que os rabinos na *midrash*(1), sustentam que houve uma tentativa de matar Moisés: “de fato, os rabinos na *midrash* estão plenamente persuadidos de que foi feita uma tentativa contra a vida de Moisés, e tornam isto mais explícito que o texto bíblico” (YERUSHALMI, 1991/1992, p. 136). Yerushalmi cita a passagem que está na *midrash Bamidbar Rabbah*, 16:13:

*E toda a comunidade ameaçou apedrejá-lo* (Números 14:10). E quem eram eles? Moisés e Aarão. [Mas o versículo prossegue] *quando a glória do Senhor apareceu [na tenda da reunião, para os filhos de Israel]*. Isto nos ensina que eles [os israelitas] estavam jogando pedras e a Nuvem [da Glória do Senhor] os interceptaria (*Bamidbar Rabbah*, 16:13 citado Yerushlami, 1991/1992, p. 136, grifos do autor).

Derrida utiliza a passagem acima para argumentar que Yerushalmi tenta mostrar que os israelitas tentaram matar Moisés, mas não o fizeram, não concluíram o assassinato devido à intervenção divina. Derrida considera que este último argumento de Yerushalmi é duplamente frágil. Primeiro porque, mesmo que o assassinato não tenha se concretizado, sua intenção existiu, ela foi realizada na medida em houve o ato de matar que não se efetivou porque a Glória do Senhor interceptou. O ato de matar Moisés e Aarão não foi impedido por nenhum israelita, pelo contrário, toda a comunidade lançou pedras:

Primeiramente, sem necessidade de convocar ainda a psicanálise, devemos reconhecer que, se o assassinato não foi perpetrado, se permaneceu virtual, se somente não teve lugar, a intenção de matar foi efetiva, real e, na verdade, realizada. Houve passagem ao ato, as pedras foram de fato lançadas, uma vez que só a intervenção divina as interceptaria. Em nenhum momento o crime foi interrompido pelos próprios israelitas que teriam ficado com a sua intenção suspensa ou teriam renunciado diante do pecado (DERRIDA, 1995/2001, p. 85).

Segundo, usando a psicanálise, Derrida questiona se há diferença entre a intenção de matar e o ato efetivado de matar? Ele afirma que o inconsciente ignora a diferença entre a intenção e a ação de assassinar, entre o crime virtual e o crime real:

O assassinato começa na intenção. O inconsciente ignora a diferença entre o virtual e o real, a intenção e a ação (um certo judaísmo também, aliás) ou o menos não se rege segundo a maneira pela qual a consciência (como o direito ou a moral que se lhe atribui) distribui as relações do virtual, do intencional e do real (Idem, p. 85).

Tendo ainda a passagem da *midrash* como referência, Derrida formula que o inconsciente conservou a memória, o arquivo da tentativa de assassinato de Moisés, mesmo havendo o

recalque, pois o recalque conserva, de modo deformado ou não, o que foi recalcado. Além disso, há o retorno do recalcado como é atestado no próprio texto da *midrash*, ou seja, a vontade de assassinar Moisés está inscrita, assim, no arquivo:

[...] o inconsciente pode ter preservado a memória e o arquivo – mesmo se houve recalque; pois um recalque arquiva também aquilo cujo arquivo ele dissimula ou encripta. Além disso, vemos que o recalque não foi tão eficaz: a vontade de matar, a passagem ao ato e a tentativa de assassinato são confessadas, estão literalmente inscritas no arquivo. Se Moisés não foi assassinado, foi graças a Deus. *Deixados a si mesmos, os israelitas, que queriam matar Moisés, o teriam feito: fizeram tudo para matá-lo* (Idem, p. 86, grifos nossos).

As afirmações de Derrida dão apoio às teses de Freud sobre a verdade histórica que, tanto no caso de Moisés, quanto em outros casos, se localiza no lado da tradição e não no lado da história oficial:

Agora podemos explicar o fenômeno da latência na história da religião judaica que aqui nos ocupa, aceitando que os fatos e os temas deliberadamente negados pela historiografia, que se poderia qualificar de oficial, na realidade, jamais se perderam, pois as notícias deles se conservaram na tradição do povo. Segundo nos assegura Sellin, até sobre a morte de Moisés havia uma tradição que contradizia redondamente a versão oficial, ficando mais próxima da verdade. Podemos aceitar que o mesmo sucedeu com outros conteúdos aparentemente suprimidos junto com Moisés; como muitos elementos da religião mosaica que haviam sido inadmissíveis para a maioria dos contemporâneos de Moisés (FREUD, 1939/1981, p. 3281).

### **A verdade do excluído.**

A leitura que Freud fez do livro do *Êxodo* para fundamentar suas teses em *Moisés e o monoteísmo* (1939) é uma leitura minuciosa e seu intuito, segundo Fuks, é procurar uma verdade distinta daquela que se tem simplesmente por acreditar na escritura sagrada. Tal leitura visa descobrir uma verdade que está no recalque, impedida de aparecer pela censura. O que não quer dizer que Freud queira fazer da verdade oculta algo mais relevante do que a verdade depreendida das escrituras sagradas ou da história oficial. Pelo contrário, Freud trabalha para dialetizar as verdades, sem privilégios de uma sobre a outra:

Em sua leitura-escritura do Livro do *Êxodo*, Freud procurou elucidá-lo de maneira semelhante a um chiste: buscar uma verdade outra, transpondo os recalques e censuras. Freud quer fazer valer o não-dito, descobrir um recalcado, dar voz ao excluído, em suma, impedir que uma verdade venha exercer seu domínio sobre outra (FUKS, 2000, p. 89).

Retornando à aproximação entre a neurose e o judaísmo, Freud indica que, além da latência e dos ritos obsessivos, o judaísmo também apresenta uma série de eventos incompreensíveis que carecem de explicações, o exemplo de tal estranheza é o abandono que o povo todo faz de uma vida tranquila, que é esquecida, para cruzar o deserto. Para Freud, tais ações incompreensíveis que ocorrem na neurose individual, são todos encontrados na epopeia judaica. Por outro lado, associa a epopeia judaica ao que desenvolvera em 1921 sobre a psicologia das massas pois, tratando-se de um movimento articulado a manifestações religiosas, os fenômenos implicam uma identificação vertical com o líder que pode ser um chefe, redentor, profeta, libertador. Não é nenhum exagero supor que Moisés suscitou tal tipo de identificação, pois há uma aderência completa a suas ideias que somente é abalada quando Moisés se ausenta

para ir à montanha sagrada. Lembremo-nos que, quando retorna e observa que os seus seguidores elegem um outro deus, o bezerro de ouro, realiza um ato colérico quebrando as tábuas da Lei e repreendendo o povo, fazendo com que a massa sinta temor e volte a ter a unidade de antes, como também a subserviência. Freud chama a atenção para uma característica que exerce uma influência importante sobre as massas, a saber, o retorno do recalcado:

Com efeito, é digno de particular atenção o fato de que qualquer elemento retornado do recalcado se impõe com especial energia, exercendo sobre as massas humanas uma influência incomparavelmente poderosa e revelando uma irresistível pretensão de verdade contra a qual acaba inerte toda argumentação lógica, a maneira do *credo quia absurdum*. Somente se poderá compreender este enigmático caráter comparando-o com o delírio do psicótico. Há tempos temos advertido que a ideia delirante contém um pedaço de verdade esquecida que teve de se submeter a deformações e confusões no curso de sua evocação e que a crença compulsiva inerente ao delírio emana deste núcleo de verdade e se estende aos enganos que o envolvem (FREUD, 1939/1981, p. 3292).

Ressaltamos na passagem acima uma contribuição preciosa de Freud para a clínica da psicose, ao dizer que no delírio psicótico há um pedaço de verdade. Tal afirmação é de grande valia, pois retira a negatividade do delírio, ou seja, subverte a ideia de que o delírio seria uma manifestação errônea, sem valor clínico e que deve ser eliminada, tão particular à orientação dominante na clínica psiquiátrica, presente não só na época de Freud mas, provavelmente mais veementemente ainda, nos dias de hoje. Para a psicanálise, o delírio tem outra função, como demonstra a tese freudiana apresentada em “*O Caso Schreber*” (1911), o delírio é uma tentativa de cura, uma tentativa de estabilização da psicose. Lê-se na citação que, por mais que a construção delirante seja absurda, ela sempre tem algo da verdade do sujeito, podendo trazer pontos relevantes da sua história, como, por exemplo, o que desencadeou sua psicose. Freud já pontuara que no delírio há verdade, precisamente no texto *Introdução do narcisismo* (1914), tendo como referência os casos de paranoia nos quais é encontrado o delírio de ser observado: o delírio desvela uma verdade que, nos neuróticos, é negada, recalcada:

Os doentes se queixam então de que todos os seus pensamentos são conhecidos, todas as suas ações notadas e vigiadas; há vozes que os informam do funcionamento dessa instância, falando caracteristicamente na terceira pessoa (“Agora ela pensa novamente nisso; agora ele vai embora”). Essa queixa é justificada, ela descreve a verdade; um tal poder, que observa todos os nossos propósitos, inteirando-se deles e os criticando, existe realmente, existe em todos nós na vida normal. O delírio de ser notado a apresenta em forma regressiva, e nisso revela a sua gênese e o motivo pelo qual o enfermo se revolta contra ele (FREUD, 1914/2010, p. 42).

Mais adiante nesse mesmo texto, Freud observa que por mais que já tivesse afirmado que há uma verdade no delírio, a psiquiatria da época – e, por que não dizer, vários psicanalistas da época – continuavam a somente lidar com sua negatividade, o que não deixa de ratificar o lugar do psicótico no discurso da ciência como excluído da verdade. Retomá-lo na articulação com a análise que realiza em seu texto sobre Moisés, permite a Freud situar um ponto a mais: é por ter uma verdade em jogo que o sujeito crê no delírio.

Acreditamos que idênticas condições devem reger as primeiras experiências da Humanidade. Um daqueles efeitos seria a emergência da noção de um grande Deus único, que cabe aceitar como uma lembrança, uma lembrança deformada, mas ainda sim uma lembrança. A dita noção tem caráter compulsivo, simplesmente *deve* ser acreditada. Na medida em que alcança sua deformação, cabe designá-la como *delírio*, na medida em que abriga o retorno do recalcado, deve-se considerá-la como *verdade*. Também o delírio psiquiátrico aloja uma partícula de verdade e a convicção do doente se expande desde esta verdade até toda a envoltura delirante (Idem, p. 3320, grifos do autor).

Aproximando o delírio das crenças religiosas, Freud observa que também há um conteúdo de verdade, mas nem sempre tal incidência da verdade é notada devido às manifestações religiosas serem um fenômeno de massa: “Semelhante conteúdo de verdade – que podemos chamar de verdade histórica – também temos de lhe conceder aos artigos dos credos religiosos, que bem têm o caráter de sintomas psicóticos, mas que foram subtraídos à maldição do isolamento, se apresentando como fenômeno de massa” (FREUD, 1939/1981, p. 3292).

O povo judeu também teve que lidar, em inúmeros momentos da história da civilização, com a exclusão. A pergunta que se impõe é: se Moisés era egípcio, ou seja, ele próprio estrangeiro em relação ao povo que liderava, como é que conseguiu promover um fenômeno de massa desse mesmo povo judeu, dando uma religião ao povo?

A primeira indicação é que Moisés ofereceu a um povo escravizado uma autoestima, uma unidade como povo, quando instituiu que o povo judeu era o povo eleito por Deus e assim estava acima dos outros povos. A segunda, destacada por Freud, foi o desenvolvimento de uma coesão a partir de um ideal, a saber, ter determinados valores intelectuais e emocionais diferentes dos outros povos. Freud enumera as razões da religião mosaica ter obtido tal sucesso:

A religião mosaica teve tais efeitos porque: 1) permitiu ao povo participar da grandeza que ostentava sua nova representação de Deus; 2) afirmou que este povo seria o eleito desse Deus sublime; 3) impulsionou o povo a um progresso na espiritualidade que, fato em si importante, lhe abriu o caminho a ser feito para a valorização do trabalho intelectual e das novas renúncias pulsionais (Idem, p. 3315).

A terceira indicação é a que nos interessa mais no contexto desta análise, pois recai sobre a própria questão da verdade: o sucesso da religião mosaica se deve ao fato de instituir um Deus único e universal. A operação que possibilita tal adesão é um raciocínio baseado na formalização lógica: há somente um Deus; é porque há uma verdade eterna. Verdade que esteve oculta e quando revelada, acabou por exercer uma influência muito forte sobre os crentes. Como a verdade é eterna e pertencente a um Deus, não se tem a preocupação de buscá-la. Como Deus, a verdade divina é o que é. Ter uma verdade eterna e que não precisa ser buscada é cômodo para os sujeitos, ou seja, um não querer saber sobre a verdade divina se desdobra no não querer saber da verdade subjetiva, como podemos inferir a partir de Freud:

O argumento religioso se funda numa premissa otimista e idealista. Em geral, o intelecto humano não tem demonstrado ter uma intuição muito fina para a verdade, nem a mente humana tem mostrado uma particular tendência em aceitá-la. Pelo contrário, temos comprovado sempre que nosso intelecto erra muito facilmente sem sequer suspeitarmos e que nada é crível com tal facilidade como o que vem de encontro com nossas ilusões e nossos desejos, sem nenhuma consideração pela verdade (Idem, p. 3319).

Como vimos, para Freud o que a religião mosaica atesta é, na realidade, o retorno da verdade, pois a ideia de um Deus único já teria existido e havia sido abandonada, ou melhor, esquecida. Não era só a ideia de Aton, mas, sobretudo, era assim que teria nascido a cultura, pois o que funda a cultura é o assassinato do pai da horda primitiva que instaura Um pai:

Miticamente – e é o que quer dizer mítica mente –, o pai só pode ser um animal. O pai primordial é o pai anterior ao interdito do incesto, anterior ao surgimento da lei, da ordem das estruturas da aliança e do parentesco, em sua anterior ao surgimento da cultura. Eis porque Freud faz dele o chefe da horda, cuja satisfação, de acordo com o mito animal, é irrefreável (LACAN, 1963/2005, p. 73).

A principal fonte da ideia de um Deus único é o líder da horda primitiva com Freud expôs em *Totem e Tabu* (1912). O pai tirânico da horda que gozava de todos os bens, principalmente de todas as mulheres e não permitia que outros homens pudessem usufruir das mulheres, era um pai que reinava através de sua tirania, impondo a vontade única do Um, fazendo valer exclusivamente seu único gozo, de modo que, se um filho ousasse gozar de uma mulher, sua pena era a morte:

Quando Moisés deu a seu povo a ideia de um Deus único, não lhe trazia nada de novo, apenas algo que significava a reanimação de uma vivência pertencente aos tempos primórdios da família humana, uma vivência que ao longo do tempo havia se extinguido na lembrança consciente dos homens. Mas tal vivência havia sido tão importante, havia produzido – ou ao menos preparado – transformações tão decisivas na vida humana, que não é forçoso crer que tenha deixado na alma do homem alguma marca permanente, algo comparado a uma tradição (FREUD, 1939/1981, p. 3319).

O que Freud deixa claro é que há um retorno dessa verdade, equivalente ao retorno do recalcado. Freud faz uma analogia entre o advento da religião mosaica e as marcas que recebemos ainda na primeira infância e que se mostram de um modo que não nos damos conta, como também não é preciso que nos lembremos delas para que traços de lembranças se manifestem. Tais manifestações são realizadas compulsivamente. Para Freud, as manifestações podem ocorrer também na humanidade, ou seja, houve experiências que se deram nos primórdios da humanidade que até hoje estão presentes em nossas vivências.

### **Verdade histórica e verdade subjetiva.**

É com o texto de Moisés que Freud esclarece, definitivamente, que para a psicanálise a clínica se orienta a partir da verdade do sujeito e não de uma verdade que viria de outros parâmetros, como por exemplo, os da ciência. A verdade histórica, tal como trabalhada nesse texto, é produto do método psicanalítico, e está presente tanto na neurose, quanto na psicose. Ela pode ser apreendida de diferentes maneiras na clínica ou, quando nos valem dos aportes psicanalíticos, para estudar um fenômeno de massa. Verificamos que as duas visadas são levadas a termo por Freud em *Moisés e o monoteísmo* (1939), pois Freud rastreia a origem do homem Moisés e o advento da religião judaica. O que essa obra transmite é que a verdade sempre retorna, por mais que se faça todo um esforço de rechaçá-la, a verdade insiste, como é o caso do retorno do assassinato do pai, que é escamoteado pela figura de um Deus: “Isso equivale a dizer que não acreditamos que exista um único e grande deus hoje, mas que, em tempos primevos, houve uma pessoa isolada que estava fadada a parecer imensa nessa época e que, posteriormente, retornou na memória dos homens, elevada à condição divina” (Idem, p. 3319).

Com Freud, podemos dizer que a morte de Moisés é a repetição da morte do pai da horda primitiva. Na medida em que essa morte teria sido cometida pelo próprio povo de Moisés, torna-se uma verdade inconfessável, impossível de dizer. Esse mesmo impossível de dizer está na origem da cultura, para que o povo se constitua no monoteísmo é preciso haver o assassinato do pai:

Esse Deus de Akhenaton, Deus da mensagem secreta que o povo judeu veicula, na medida em que o assassinando Moisés ele reproduz o assassinato arcaico do pai. Eis, segundo Freud, o Deus ao qual pôde dirigir-se esse sentimento que não está absolutamente ao alcance de todos que se chama amor *intellectualis Dei* (LACAN, 1959-1960/1997, p. 220).

O estudo de Freud sobre Moisés expõe uma questão crucial para a psicanálise, a verdade recalçada do assassinato do pai tem como consequência para a verdade histórica o estabelecimento de um ponto estrutural na constituição do sujeito, do mesmo modo que remete para a questão da causa. É por tal razão que em *Moisés e o monoteísmo* (1939) temos a questão da função paterna em evidência através da transmissão do significante do Nome-do-Pai. Com Lacan, aprendemos que o Nome-do-Pai se transmite para o sujeito através da metáfora paterna. Tal colocação é necessária, diz Lacan, e o é em relação à questão do pai já apontada por Freud, ao que aquele acrescenta um segundo termo, depois do totem, a saber, a função paterna articulada pelo nome: “vemos, portanto, que é necessário colocar no nível do pai um segundo termo depois do totem, que é essa função que creio ter definido em um de meus seminários, mais longe do que jamais se fizera até o presente, isto é, a função do pai próprio” (LACAN, 1963/2005, p. 73).

Ao ressaltar a articulação do assassinato do pai da horda primitiva com a questão do pai para cada sujeito na articulação com o nome, Lacan nos fornece a formulação de que a verdade de Deus é revelada pelo Deus-sintoma, Deus-totem e tabu, Deus foi morto pelos homens, seja o pai da horda, seja Moisés, seja Cristo, que é filho e pai em um só:

Nós, que tentamos articular o pensamento e a experiência de Freud para dar-lhe seu peso e sua consequência, articulamos o que ele formula da seguinte forma – se esse Deus-sintoma, esse Deus-totem como tabu, merece que nos detenhamos na pretensão de fazer-se dele um mito é na medida em que ele foi o veículo do Deus de verdade. É por seu intermédio que a verdade sobre Deus pôde vir à luz, isto é, que Deus foi realmente morto pelos homens, e que, a coisa foi sendo reproduzida, o assassinato primitivo foi remedido. A verdade encontrou sua via por meio daquele que a Escritura chama certamente de o Verbo, mas também de o Filho do Homem, confessando assim a natureza humana do Pai (LACAN, 1959-1960 [1997], p. 221).

Aliás, Cristo é a confissão encarnada de que os homens mataram o pai, Cristo põe assim a dimensão humana no assassinato e faz com que a transmissão do Nome-do-Pai seja feita, no caso do cristianismo, pela via do Supereu, instaurando a culpa e no mesmo movimento uma lei do remorso. Para Freud, quem funda o cristianismo não é Cristo, com seus ensinamentos, mas Paulo (Saulo, um judeu) em sua interpretação da crucificação de Cristo, pois Paulo se utilizou do sentimento de culpa que tomou conta do povo judeu e teve a intuição, mesmo que vaga, da fonte da culpa, um pecado original, um crime cometido contra Deus que somente teria como ser expiado pela morte. Ou seja, um crime que somente pode ser castigado pela morte:

Parece que um crescente sentimento de culpa havia se apoderado do povo judeu, talvez de todo o universo cultural daquela época, como um precursor do retorno do material recalçado, até que, por fim, um desses judeus encontrou, na absolvição de culpa de um agitador político, ocasião para desligar o judaísmo de uma nova religião – a cristã. Paulo, um judeu romano de Tarso, apoderou-se desse sentimento de culpa e o fez remontar corretamente a sua fonte original. Chamou essa fonte de “pecado original”, fora um crime contra Deus, e só podia ser expiado pela morte. Com o pecado original, a morte apareceu no mundo. Na verdade, esse crime merecedor da morte fora o assassinato do pai primevo, logo depois deificado (FREUD, 1939/1981, p. 3293).

Cristo é um filho de Deus que aceitou ser morto e tomou para si culpa de todos os homens – na origem da cultura. A morte que expia o crime cometido contra Deus é a morte do Filho, já que a culpa dos homens é oriunda da morte do Pai. A solução apresentada por Paulo admite a culpa, por um lado e, por outro, acusa o povo judeu de terem matado Deus-Pai e não reconhecerem esse crime. Ao admitir a culpa, o cristianismo pode levar à absolvição: “posto em relação com a história das religiões, isto quer dizer: ‘você não admitirão que assassinaram Deus



(o retrato primal de Deus, o pai primal e suas reencarnações). [...] Fizemos a mesma coisa, é verdade, mas o admitimos e desde então fomos absolvidos” (Idem, p. 3294).

No cristianismo, a transmissão do Nome-do-Pai se dá no só-depois e de forma superegóica, como bem esclarece Didier-Weill:

A segunda via é aquela pela qual o significante do Nome-do-Pai se transmite, não de maneira metafórica, mas de maneira superegóica, na medida em que por essa transmissão o Nome-do-Pai volta, no só-depois do assassinato do pai primitivo, sob forma de uma fantasma lançador de culpa, indutor de uma lei de remorso (DIDIER-WEILL, 1998/1999, p. 82-83).

Portanto, a verdade histórica do assassinato do pai sempre retorna tanto em Moisés, quanto em Cristo. O fato de a verdade recalcada levar Freud a afinar seu conceito de verdade histórica, permite, hoje, associarmos a verdade histórica ao sintoma, que é, justamente, o Nome-do-Pai, na formulação lacaniana, ou seja, o pai é um sintoma. A culpa implicada no sintoma tem esse ponto estrutural, pois trata-se de um impossível de ser dito, posto que tal sintoma tem um pé no real:

Única garantia de sua função de pai, que é a função, a função de sintoma tal como escrevi ali. Para isto, basta aí que ele seja um modelo da função. Aí está o que deve ser um pai, na medida em que só pode ser exceção. Ele só pode ser modelo da função realizando o tipo. Pouco importa que ele tenha sintomas, se acrescenta aí o da perversão paternal, isto é, que a causa seja uma mulher que ele adquiriu para lhe fazer filhos e que com estes, queira ou não, ele tem cuidado paternal (LACAN, lição de 21/01/1975, p. 23).

A formulação de Lacan do pai como um sintoma recobre a questão sobre a verdade em psicanálise. *Moisés e o monoteísmo* (1939) constitui, a nosso ver, o ponto de partida para Lacan abordar a questão do pai sintoma em psicanálise na medida em que se verifica que traz o retorno do assassinato do Pai. Sem essa referência, é impossível articular uma função relevante na formação do sintoma, que Freud já construía a partir da neurose obsessiva, paradigma do que pode ser disso clinicamente constatável, pois nela a questão da morte do pai está mais presente. Além disso, é na neurose obsessiva que Freud pode mostrar o ponto estrutural que o assassinato do pai tem na constituição do sujeito.

## Notas

---

(1) Segundo Raffalovitch, “ao lado do *Talmud* desenvolveu-se uma outra literatura, que pode ser chamada de expressão poética ou espiritual do pensamento judaico - o *Midrash*. Este último é uma compilação de exposições homiléticas ou espirituais da Bíblia, penetrando sob a superfície do sentido singelo do texto bíblico. Enquanto o *Talmud* se dedica principalmente à explicação da letra, o *Midrash* revela o espírito da palavra e da Lei. Os primeiros vestígios da literatura midráshica podem ser encontrados numa época anterior à conclusão da Bíblia, mas a sua atividade estendeu-se até o décimo ou undécimo século” (1962).

## Referências bibliográficas:

BERNSTEIN, R. J. *Freud e o legado de Moisés* (1998/2000). Rio de Janeiro: Imago.  
BIRMAN, J. Arquivo e Mal de arquivo: Uma leitura de Derrida sobre Freud. *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, vol. 10, n. 1, p. 105-128, jan-jun. 2008b.

- DARRIBA, V. A. A paixão pela verdade em Moisés e monoteísmo de Freud. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 297-308, Maio/Ago. 2010.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1995/2001). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- DIDIER-WEILL, A. *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud* (1998/1999). Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- FREUD, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber)* (1911/2010). In: FREUD, S. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 10.
- \_\_\_\_\_. *Totem e Tabu*(1912-1913/1981). In: FREUD, S. *Obras Completas*. 4 Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, Vol. II.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 15.
- \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão* (1927/2010). Porto Alegre: L&PM.
- \_\_\_\_\_. *O Mal-estar na cultura* (1930/2010). Porto Alegre: L&PM.
- \_\_\_\_\_. *Moisés y la religión monoteísta: tres ensayos*(1939 [1934-38]/1981).In: FREUD, S.Obras Completas.2 Ed. Madrid: Biblioteca Nueva.
- FUKS, B. B. *Freud e a Judeidade: a vocação do exílio* (2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J.*O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose* (1953/2008). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 7, A Ética da Psicanálise*(1959-1960/1988). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. “Introdução aos Nomes-do-Pai” (1963/2005). In: LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise*. (1969-1970/1992). Rio de Janeiro: Joge Zahar.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 22, R. S. I.* (1974-1975). Inédito.
- RAFFALOVITCH, I. “O Midrash” (1962). Acessado em 07 de março de 2013 em <http://colecão.judaísmo.tryte.com.br/livro3/livro3cap7.php>
- YERUSHALMI, Y. H. *O Moisés de Freud* (1991). Rio de Janeiro: Imago, 1992.

**Recebido em: 02/01/2013**

**Aprovado em: 22/05/2013**